

## **MENINAS EXPLORADORAS DA FLORESTA: CONSERVAÇÃO DA MATA ATLÂNTICA NO ASSENTAMENTO OLGA BENÁRIO, TREMEMBÉ**

### **ODS (15)**

Maria Eduarda Mendes de Sousa (Escola Estadual Cesídio Ambrogi)  
Isabella da Silva Pereira (Escola Estadual Cesídio Ambrogi)  
Leila Kethylen da Silva (Escola Estadual Cesídio Ambrogi)  
Jheniffer Raissa Dos Santos Vieira (Escola Estadual Cesídio Ambrogi)  
Isabella Galvão Luís Soares da Silva (Escola Estadual Cesídio Ambrogi)  
Laura Santos de Jesus (Escola Estadual Cesídio Ambrogi)  
Isabella Valdés García (Escola Estadual Cesídio Ambrogi)  
Tamires Araújo de Carvalho (Universidade de Taubaté)  
Rebeca Martins Bonafé Silva (Universidade de Taubaté)  
Adrielly Giovanna Marcondes (Universidade de Taubaté)  
Christian Leandro Machado (Escola Estadual Cesídio Ambrogi)  
Júlio Cesar Voltolini (Universidade de Taubaté)

A participação de mulheres na ciência ainda enfrenta desafios ligados à desigualdade de gênero e ao acesso restrito à pesquisa. Projetos que aproximam meninas do trabalho científico despertam vocações e valorizam o olhar feminino sobre a natureza. O programa Meninas Exploradoras da Floresta insere-se nesse contexto, propondo vivências de campo como estratégia de educação científica, empoderamento social e formação cidadã. O assentamento Olga Benário, do MST, foi escolhido como local do estudo por unir luta social, produção agrícola e conservação ambiental. Desenvolver ciência nesse território fortalece a comunidade e evidencia a conexão entre justiça social e justiça ambiental. O objetivo do estudo foi produzir um diagnóstico do nível de conservação da floresta com base nas espécies de animais e plantas observadas, ao mesmo tempo em que se promoveu a inserção de meninas da escola pública em práticas de pesquisa e trabalho em equipe. As alunas do ensino médio da Escola Estadual Cesídio Ambrogi de Taubaté (SP), uma escola pública de periferia, atuaram como exploradoras e pesquisadoras, percorrendo uma trilha de aproximadamente 1000 metros no interior do assentamento, registrando aves e plantas utilizando diários de campo com anotações e desenhos. As meninas fizeram as observações em duplas e pequenos grupos compartilhando as observações e esse processo valorizou o protagonismo feminino na prática científica e possibilitou novas formas de olhar para a floresta. Como resultado, foram observadas aves indicadoras de floresta madura, como pula-pula, pula-pula-assobiador, tiê-preto, guaracava-cinzenta e estalador. Em floresta secundária ocorreram teque-teque, trinca-ferro, risadinha e maria-cavaleira. Entre os generalistas destacaram-se sabiá-barranco, sanhaço-cinzento, alma-degato, periquitão e saí-andorinha, enquanto espécies urbanas como cambacica e corruíra apareceram em áreas de borda. Entre as plantas, surgiram espécies de

vegetação secundária, como samambaias, bambu e quaresmeira, além da palmeira juçara, indicadora de floresta madura. A presença simultânea de espécies de floresta madura, secundária e ambientes urbanos revela um mosaico de conservação e regeneração dentro do assentamento. Esse diagnóstico ecológico, realizado por meninas em um território de luta social, demonstra como iniciativas educativas podem ao mesmo tempo inserir jovens mulheres na ciência, apoiar comunidades camponesas e contribuir para o monitoramento participativo da biodiversidade. Assim, o projeto mostra que a união entre participação feminina, movimentos sociais e conservação da Mata Atlântica fortalece tanto a produção científica quanto a construção de uma sociedade mais justa e sustentável.

**Palavras-chave:** Participação Feminina; Movimentos Sociais; Floresta Atlântica.